

CONCLUSÃO

Depois de um longo percurso pelos temas e problemas matrimoniais, desde os finais do século XV até ao ocaso do século XVII, é, talvez, chegada a hora de sistematizar alguns dos passos seguidos e de tirar algumas conclusões, que poderão significar também outras pistas de trabalho.

Proposemo-nos, desde o início, interrogar e explorar - "re-lendo" - as diversas fontes morais e, sobretudo, de espiritualidade, de alta espiritualidade, em alguns casos, sobre a instituição matrimonial e o "estado" de casados com vista a (desde este ângulo que, cremos, se deve reputar basilar) uma percepção mais nítida da concepção e das imagens da vida conjugal e familiar, bem como da espiritualidade do casamento na Península Ibérica que, por sua vez, nos permitissem ver mais além da barreira legislativa que sempre enformou essa mesma instituição.

E neste nosso esforço para olhar o casamento desde prismas diversos das normas jurídicas, privilegiámos, conseqüentemente, a dimensão espiritual e moral deste sacramento. Preocupámo-nos em interrogar os textos que, de modo mais ou menos directo, pretenderam ou acabaram por focalizar não tanto a instituição propriamente dita (desde a sua definição até ao estabelecimento das suas regras gerais de funcionamento, aspectos que a legislação foi determinando), mas, principalmente, os diversos problemas mais intimamente relacionados com as dificuldades práticas do estado propriamente dito. Procurámos, por isso, compreender não só a construção - e as causas ou objectivos dessa construção - de modelos capazes de servirem de "espelhos" e "nortes" a todos os casados, mas também o modo como esses modelos foram trabalhados por forma a articular a base sacramental do casamento com um viver quotidiano que, muitas vezes, negava os seus pressupostos. Tentámos, portanto, perceber o modo como, com base numa teologia sacramental do matrimónio, se foi construindo também - e evoluindo - uma espiritualidade própria do casamento, que resultou, essencialmente, do esforço de teólogos, religiosos, humanistas e moralistas em geral para tornar possível aos casados - leigos de todos os estados sociais - a participação nas práticas de vida espiritual (num sentido amplo) consideradas essenciais para a salvação. E, desde este ponto de vista, o casamento parece ter-se tornado, sobretudo nestes séculos, num modo e num meio, se não totalmente novos, totalmente renovados, da pedagogia religiosa e da pastoral irem penetrando - e tentando iluminar e "formar" - zonas cada vez mais amplas do tecido social, muito embora esse processo nem sempre se tenha apresentado fácil ou com resultados imediatos. Até porque essa

participação dos casados - ou seja, dos leigos em geral - na vida espiritual e devota exigia, antes de mais, o respeito pelas regras e pelas normas da própria instituição. Daí, precisamente, o permanente e sempre renovado esforço de adaptação do modelo às diferentes realidades práticas a fim de que o mesmo - composto de muitos "modelos" particulares - pudesse continuar a "nortear" ou a "guiar" os casados no seu viver quotidiano. Por isso, valorizámos também e tentámos acompanhar o evoluir dos aspectos mais directamente relacionados com o cumprimento dessas regras, desde os conselhos para o comportamento mútuo até aos diferentes modos de conceber o governo da casa e a educação dos filhos. Ou seja, também o modo como se foi redefinindo e readaptando o conceito de família e de casa com base na concepção do núcleo conjugal.

Mas o estudo do casamento - não esqueçamos que este era, antes de mais, uma instituição que se pretendia não só indissolúvel, mas, sobretudo, estável - contava, à partida, e consequentemente, com inúmeras constantes, que era importante registar e ter sempre presentes. Só que essas constantes conviveram também, como tentámos mostrar, com algumas mudanças significativas. Mas, mais uma vez, as mudanças não disseram tanto respeito à instituição propriamente dita, mas às imagens que do casamento e da vida conjugal foram sendo construídas - logo, também aos diferentes modos como foram sendo articuladas ou adaptadas as imagens anteriores às novas realidades, às novas hierarquias, às novas exigências, tanto de ordem social como de ordem moral e de ordem espiritual. Por isso, esperamos ter conseguido mostrá-lo, "casamento" (com toda a sua complexidade) e, logo, "casar" - aliás, como mostrou Maravall, também "casa" - não foi no século XVII exactamente o mesmo que nos finais do século XV ou no século XVI.

Do mesmo modo, e como referimos na introdução deste trabalho, a selecção de um período relativamente longo - mais de dois séculos - apresentou-se, desde o início, como uma condição fundamental para conseguirmos atingir os nossos objectivos. Só um percurso através das constantes podia dar conta das mudanças...

Do mesmo modo - e cremos que só agora tal facto é, verdadeiramente, compreensível - a delimitação de um *corpus* textual relativamente homogéneo não resultou da busca da facilidade de interpretação, mas de uma opção metodológica que teve como objectivo fundamental a pesquisa de uma base mais concreta que continuamos a considerar essencial para a compreensão de outras linguagens, desde a literatura de ficção à iconografia, que, por sua vez, só se fazem entender por relação a essa mesma base. Além disso, a compreensão de muitos textos - e de alguns grandes textos da nossa literatura - sobre o casamento só podem ser compreendidos nos seus diálogos com outros textos e documentos da mesma época. Do mesmo modo que - e a título de exemplo - não se pode compreender todo o alcance e significado cultural de uma *Carta de Guia de Casados* sem a situarmos num contexto teórico, moral e espiritual mais amplo - de outras "cartas", de outros "guias" e de muitos "avisos" -, também não se

poderão compreender vários outros textos do próprio D. Francisco Manuel de Melo que tratam o mesmo tema - élogos, sonetos... - sem nos reportarmos à sua visão mais teórica desses temas que nos é facultada por esta *Carta de Guia*.

O tratamento mais propriamente "literário" - no teatro, na poesia, no conto, na novela, etc. - dos temas matrimoniais foi, nestes mesmos séculos, não só muito diversificado e amplo, mas também muito rico. Refiramos, apenas a título de exemplo, o lugar central que ocupou, e ocupa, em muitos *autos* de Gil Vicente ou em muitos textos de Lope de Vega... Mas o estudo desse tratamento nos textos "literários" desse período, e do nosso ponto de vista, só pode ser conseguido, no mesmo contexto ibérico, tendo em conta os modelos, as concepções várias, as imagens, os debates desses séculos em torno dos vários temas matrimoniais. Como já se escreveu algures, "A un texto de otros tiempos, en particular, o le restituimos a los contextos que le son propios, o bien, a conciencia o a ciegas, le imponemos los nuestros. *Nihil est tertium*". Só assim se poderão compreender tantas alusões, tantas ironias, tantas sátiras, tantas mensagens, tantas ideias aparentemente repetidas que a literatura e a arte desses séculos nos legaram. Mas esse - e apesar de algumas tentativas meritórias que já foram feitas por diversos autores - é todo um trabalho a fazer de novo...